

A CORTESÃ NAS PEÇAS DE PLAUTO

Caroline Barbosa Faria Ferreira
Mestranda em Letras – Universidade Federal do Espírito Santo
Bolsista Fapes

Resumo: Neste trabalho pretendemos analisar a personagem da cortesã nas comédias *Cistellaria* e *Truculentus*, de Plauto. Procuraremos observar de que forma a personagem da cortesã é construída nas peças através das falas das personagens masculinas e femininas, analisando em que medida esta construção é expressão da sociedade romana dos séculos III e II a.C.

Palavras-chave: Plauto – *Cistellaria*. Plauto – *Truculentus*. Cortesã – Representação literária.

Riassunto: In questa ricerca pretendemo analizzare il personaggio della prostituta nelle comedie di Plauto *Cistellaria* e *Truculentus*. Osserveremo come questo personaggio è costruito attraverso le battute dei personaggi maschile e femminile, analizzando in quale maniera questa rappresentazione è la espressione della società romana nel secolo III e II a.C.

Parole-chiave: Plauto – *Cistellaria*. Plauto – *Truculentus*. Prostituta – Rappresentazione literaria.

Durante muito tempo, os historiadores desconsideraram estudos que tratassem exclusivamente das mulheres. Até a segunda metade do século XX, a história concentrava-se sobretudo nos elementos políticos e militares, e nos grandes homens que o realizavam. Contudo, em tempos mais recentes, particularmente nas três últimas décadas, uma ampla variedade de temas até então pouco comuns nas pesquisas históricas, tais como a família, a mulher, o marginal, a sexualidade, a criança, passaram a ser considerados como objeto de estudo.

Dentre essas abordagens estão os estudos feministas e, mais recentemente, as propostas de análises baseadas em questões de gênero. A abordagem feminista problematizou o papel da mulher na história, procurando compreender as diferenças instituídas entre os sexos e as relações de poder estabelecida entre eles. Até os anos 60, grande parte da historiografia

sobre a antiguidade deu pouca atenção às mulheres. As exceções aconteceram em alguns estudos de mulheres célebres, cujo interesse estava na ligação que possuíam com homens famosos ou pelo poder que detinham (PERROT, 1989, p. 9).

Diferentemente das leituras estruturalistas e pós-estruturalistas, a leitura feminista é política, pois não considera a obra como independente do meio em que foi escrita, e sim como algo que traz em si representações culturais que são construídas de diversas maneiras. Segundo Felski (2003, p. 163), a crítica feminista possibilitou o surgimento de leituras variadas dos textos literários ao postular que a arte nunca é algo desinteressado, visto sempre carregar conotações e significados sociais.

Cumprе salientar, porém, que não se deve considerar a literatura meramente como reflexo da vida. Deve-se questionar em que medida a literatura é representação do social e como se dá tal representação, e ainda, de que maneira o texto ficcional questiona ou reproduz as ideologias de uma determinada sociedade.

É fundamental, para melhor compreensão dessa questão, deter-se brevemente no conceito de representação, que vem sendo discutido pela teoria e crítica literária. Segundo Chartier (1990, p. 17), em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler de forma diversa. As representações do mundo social não são de forma alguma discursos neutros, mas produzem estratégias e práticas que tendem a impor uma autoridade, a fim de legitimar um projeto reformador ou a justificar as suas escolhas e condutas. De acordo com Costa Lima, uma representação é sempre “produto de determinadas classificações, pois cada membro da sociedade se representa a partir dos critérios classificatórios ao seu dispor” (LIMA, 1981, p. 221). As representações são, dessa forma, molduras diversas em que o indivíduo se encaixa sem se deter, a maioria das quais se apreende pela simples interação com outros membros do grupo em que está inserido.

Entende-se que a relação que o texto literário estabelece com a realidade, normalmente, é arbitrária e deformante, ainda que o autor pretenda transmiti-la fielmente. A literatura, segundo Candido (2000, p. 36),

é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando uma atitude de gratuidade.

Quando se faz referência à representação da figura feminina na literatura, deve-se ter em mente, portanto, que essa mulher é uma construção social que reflete os valores de uma determinada sociedade e do seu autor.

Diante de tais aspectos, este texto se presta ao estudo da constituição da personagem da *cortesã*, nas peças *Cistellaria* e *Truculentus*¹, com o objetivo de analisar em que medida esta construção é expressão da sociedade romana dos séculos III e II a.C.

Cistellaria, depois da *Vidularia*, é a comédia mais mutilada de Plauto. Ela é uma comédia de reconhecimento. A peça recebe seu nome de uma cestinha que é fundamental para o reconhecimento no final da história. É considerada por alguns estudiosos uma das peças mais sérias de Plauto, bem semelhante aos seus modelos gregos. Segundo Couto (2004, p. 7), essa peça parece ter-se mantido bastante fiel ao seu modelo: *Synaristosai*, de Menandro. A *Cistellaria* é considerada como uma das primeiras peças escritas por Plauto. Costuma-se datá-la em 203 a.C., principalmente pelas últimas palavras do deus Auxílio que podem ser uma referência à situação militar pouco antes da segunda guerra púnica (202 a.C).

A peça *Truculentus* pode ser considerada como satírica. Seu nome se deve a uma personagem secundária da peça. Um escravo truculento que tenta de todas as maneiras impedir que seu senhor seja enganado pela cortesã Phronesium. Não há unanimidade entre os estudiosos na definição da data de apresentação desta comédia, mas considera-se que deve ter sido representada no ano 190 ou 189 a.C, devido a algumas referências feitas na peça a eventos que ocorreram nesses anos. O modelo grego da peça é desconhecido.

A fim de analisar-se a construção feita da personagem da cortesã nas duas peças, considerar-se-ão algumas falas de personagens masculinas e femininas sobre ela.

As comédias plautinas tornaram populares as prostitutas ávidas por dinheiro, que estavam dispostas a tudo – até mesmo arruinarem os filhos de famílias abastadas e os velhos libidinosos – para alcançarem seus objetivos. Plauto descreve com freqüência os subterfúgios que as cortesãs de sua época utilizavam para obter presentes de seus amantes. Às vezes, através de reclamações estas obtinham casas ou propriedades de jovens ingênuos. Já no prólogo da peça, Phronesium nos é apresentada de forma negativa, como uma mulher interesseira, que tem muita facilidade em arruinar os seus amantes. A personagem que profere o prólogo, assim diz ao público:

hic habitat mulier, nomen cui est Phronesium;
haec huius saeculi mores in se possidet:
numquam ab amatore [suo] postulat id quod datumst,
sed relicuom dat operam ne sit relicuom, 15
poscendo atque auferendo, ut mos est mulierum;
nam omnes id faciunt, cum se amari intellegunt (v. 12-17).

Tradução: Aqui mora uma mulher chamada Fronésio. Ela *possui em si os costumes deste nosso tempo*: nunca reclama aos [seus] amantes o que estes já lhe deram, mas, quanto ao que lhes resta, esforça-se por que nada lhes reste, pedindo e arrebanhando, *como é costume das mulheres*. Na verdade *todas procedem assim, quando sentem que são amadas* [grifo nosso].

É interessante notar a generalização feita pela personagem, quando afirma que a cortesã Phronesium possui os costumes das mulheres daquele tempo, de serem insaciáveis em relação ao dinheiro, ao sentirem que são amadas pelos homens.

Na primeira fala da peça, o *adulescens* Diniarchus, que havia sido arruinado pela cortesã, descreve as artimanhas destas mulheres para usufruir de todos os bens do seu amante:

Non omnis aetas ad perdiscendum sat est
amanti, dum id perdiscat, quot pereat modis;
neque eam rationem eapse unquam educet Venus,
quam penes amantum summa summarum redit, 25
quot amans exemplis ludificetur, quot modis
pereat quotque exoretur exorabilis:
quot illic blanditiae, quot illic iracundiae
sunt, quot supplicia danda, di vostram fidem, hui,
quid perierandum est etiam, praeter munera: 30
primumdum merces annua, is primus bolust,
ob eam tres noctes dantur; interea loci

~aut ara aut vinum aut oleum aut triticum,
 temptat benignusne an bonae frugi sies: 35
 quasi in piscinam rete qui iaculum parat,
 quando abiit rete pessum, adducit lineam;
 si inierit rete piscis, ne effugiat cavet:
 dum huc dum illuc rete <circumv>or<tit>, impedit
 piscis usque adeo donicum eduxit foras.
 itidem si amator id quod oratur dedit 40
 atque est benignus potius quam frugi bonae
 [adduntur noctes, interim ille hamum vorat],
 si semel amoris poculum accepit meri
 eaque intra pectus se penetravit potio,
 extemplo et ipse periit et res et fides. 45
 si iratum scortumst forte amatori suo,
 bis perit amator, ab re atque <ab> animo simul;
 sin alter altri propitiust, idem perit:
 si raras noctes ducit, ab animo perit;
 sin crebras ducit, ipse gaudet, res perit. 50
 ~iteca in aedibus lenosis~ 50a
 prius quam unum dederis, centum quae poscat parat:
 aut periit aurum aut conscissa pallula <est>
 aut empta ancilla aut aliquod vasum argenteum
 aut vasum ahenum antiquom aut lectus ~laptiles
 aut armariola Graeca, aut aliquid semper est 55
 quod ~ petra debeatque amans scorto suo.
 atque haec celamus nos clam magna industria,
 quom rem fidemque nosque nosmet perdimus,
 ne qui parentes neu cognati sentiant;
 quos cum celamus si faximus conscios, 60
 qui nostrae aetati tempestivo temperent,
 unde anteparta demus postpartoribus,
 faxim lenonum et scortorum ~ plus est 62a
 et minus damnosorum hominum quam nunc sunt siet.
 nam nunc lenonum et scortorum plus est fere,
 quam olim muscarum est cum caletur maxime. 65
 nam nusquam alibi si sunt, circum argentarias
 scorta <et> lenones qui sedent cottidie,
 ea nimia est ratio; quippe qui certo scio,
 ibi plus scortorum esse iam quam ponderum (v. 22-69).

Tradução: Uma vida inteira não é suficiente para um amante aprender satisfatoriamente, se é que o aprende, de quantos modos pode arruinar-se. E nunca a própria Vênus, sob cujo poder estão os mais importantes assuntos dos amantes, fará essa conta: de quantas formas o amante pode ser enganado, de quantos modos pode ser arruinado, com quantas súplicas pode ser amaciado. Quantas lisonjas aí há, quantas birras aí há! † Quanta sobrançeria! † Ó deuses, a vossa bondade, aí! † Quanto tem que se perder †, já sem contar com as prendas. Em primeiro lugar, o sustento de um ano: esse é o primeiro golpe. Em troca dele, concedem-se três noites ao amante. De permeio, † fala-se ou num altar, ou em vinho, ou em azeite, ou em trigo. Está a sondar se és generoso ou agarrado aos teus bens. Tal como o pescador que lança a rede para o viveiro — logo que a rede vai ao fundo, puxa a linha e, se o peixe tiver entrado na rede, trata de não o deixar escapar, † cercando o peixe com a rede por todos os lados † até o tirar para fora, assim sucede com o amante. Se ele dá o que lhe é pedido e é mais generoso do que agarrado aos seus bens, concedem-se-lhe mais algumas noites; durante esse tempo ele morde o isco.

Mal ele experimentou uma taça de amor puro e essa bebida penetrou até as suas entranhas, imediatamente se arruinou a si próprio, aos seus bens e à sua reputação. Se acaso uma prostituta se irrita com o amante, o amante arruína-se duplamente: nos seus bens e ao mesmo tempo no coração. Se, † pelo contrário, um se entrega ao outro, também fica arruinado: se obtém poucas noites, sofre no seu coração; se se torna mais assíduo, sente-se feliz por si próprio, mas os bens arruínam-se. † É assim nas casas de lenocínio. Ainda lhe não deste um único presente, ela já está a pedir-te um cento: ou foi uma jóia de ouro que desapareceu, ou uma mantilha que se rasgou, ou comprou uma serva ou algum vaso de prata, ou um vaso de bronze, † ou algum leito de pedra †, ou uns pequenos armários gregos ou ... <há> sempre qualquer coisa, † de pedra † que o amante deve à sua amante. E, enquanto arruinamos os nossos bens, a nossa reputação e a nós próprios, nós ocultamos isso, em segredo, com o maior cuidado, não venham os nossos pais e os nossos familiares a sabê-lo. Se, em vez de nos escondermos, nos confiássemos a eles, para que a tempo refreassem a nossa juventude, a fim de não entregarmos a herdeiros futuros os bens herdados dos nossos antepassados, eu suponho que haveria <aqui muito menos> chulos e prostitutas e menos homens gastadores do que existem presentemente.

De facto, hoje em dia há quase mais chulos e prostitutas do que moscas em plena canícula. Com efeito, como se não houvesse outro lugar, o número de prostitutas <e> chulos que acampam todos os dias em volta das mesas dos banqueiros é incalculável. Pois estou seguro de que há lá, agora, mais prostitutas do que pesos de balanças.

E Cyamus, escravo de Diniarchus, diz em outro momento acerca das cortesãs:

meretricem ego item esse reor, mare ut est:
quod des devorat <nec dat>is umquam abundat.
hoc saltem: <rem> servat nec ulli ubi sit apparet: 570
des quantumvis, nusquam apparet, neque datori neque acceptrici.
velut haec meretrix meum erum miserum sua blanditia
<paene> intulit in pauperiem:
privabit bonis, luce, honore atque amicis (v. 568-574).

Tradução: Eu sou da opinião que uma meretriz é tal qual o mar. Devora o que lhe deres e nunca transborda de presentes. Mas o mar ao menos guarda o que recebeu. † Comigo guarda-se †, aparece. Desde quanto deres a uma cortesã, em parte nenhuma aparece, nem para o que dá nem para a que recebe. Vejam como, por exemplo, com as suas carícias, esta meretriz levou a penúria o meu desgraçado amo: privou-o dos seus bens, da vida, da honra e dos amigos.

Em muitas ocasiões nas peças plautinas analisadas, porém, não são os homens que falam sobre as cortesãs, mas elas próprias ponderam sobre o seu ofício, mostrando sempre que são interesseiras e que, de fato, querem arruinar totalmente os seus amantes. Phronesium fala acerca de um de seus amantes ao público:

Ille quidem hinc abiit, abscessit. dicere hic quidvis licet.
verum est verbum quod memoratur: ubi amici ibidem <sunt> opes. 885
propter hunc spes etiamst hodie ~ tantum iri militem;
quem ego ecastor mage amo quam me, dum id quod cupio inde aufero.
quae cum multum abstulimus, hau multum <eius> apparet quod datum est:
ita sunt gloriae meretricum (v. 884-889).

Tradução: Ele foi-se mesmo embora daqui, afastou-se. Agora posso falar à minha vontade. É verdadeiro <o velho> provérbio que diz: “onde há amigos, há riqueza”. Graças a ele, tenho esperança de que ainda hoje irá ser enganado o soldado que, por Castor, eu amo mais do que a mim própria enquanto puder tirar dele aquilo que desejo! Embora tiremos muito, muito daquilo que nos foi dado nunca aparece! É esta a reputação das meretrizes!

E sobre a fama das mulheres em geral diz:

nimis quam paucae sunt defessae, male quae facere occeperunt,
nimisque paucae efficiunt, si quid facere occeperunt bene:
mulieri nimio male facere levius onus est quam bene. 470
ego quod mala sum, matris opera mala sum et meapte malitia (v. 468-471).

Tradução: Demasiado poucas são as mulheres que se cansam do mal que começaram a fazer e excessivamente poucas são aquelas que acabam de fazer o bem que começaram a fazer. Para uma mulher, fazer o mal é uma acção extraordinariamente melhor do que fazer o bem.
Eu, que sou má, sou má graças a minha mãe e a minha maldade natural.

Astaphium, cortesã, escrava de Phronesium, dá ao público uma espécie de poética da boa cortesã. Mais uma vez o discurso da personagem contribui para a construção da cortesã como uma mulher interesseira. Para a escrava, convém que uma cortesã “por excelência”, semelhantemente à *lena*:

[bonis esse oportet dentibus lenam probam,
adripere ut quisquis veniat blandeque adloqui, 225
male corde consultare, bene lingua loqui.]
meretricem sentis similem esse condecet,
quemquem hominem attigerit, profecto ei aut malum aut damnum dare.
numquam amatoris meretricem oportet causam noscere,
quin, ubi nil det, pro infrequente eum mittat militia domum. 230
nec umquam erit probus quisquam amator nisi qui rei inimicust suae.
nugae sunt nisi, modo quom dederit, dare iam lubeat denuo;
is amatur hic apud nos, qui quod dedit id oblitust datum.
dum habeat, dum amet; ubi nil habeat, alium quaestum coepiat.
aequo animo, ipse si nihil habeat, aliis qui habent, det locum. 235
[probest amator, qui relictis rebus rem perdit suam.]

at nos male agere praedicant viri solere secum,
nosque esse avaras. qui sumus? quid male nos agimus tandem?
nam ecastor numquam satis dedit suae quisquam amicae amator,
neque pol nos satis accepimus neque umquam ulla satis poposcit. 240
nam quando sterilis est amator ab datis,
si negat se habere quod det, soli credimus,
nec satis accipimus, satis cum quod det non habet: (v. 224-243).

Tradução: É mister que uma alcoviteira de gema tenha bons dentes, que sorria e fale meigamente a quem quer que lhe apareça, que rumine o mal no seu coração, que fale por palavras agradáveis. Convém que uma meretriz seja semelhante às silvas: a qualquer homem que ela tocar, deve causar-lhe mal ou dano total. Convém que uma meretriz nunca conheça as razões do seu amante. Que, quando ele nada pagar, o mande para casa como um soldado pouco aplicado. Nunca ninguém será um bom amante a não ser aquele que é inimigo dos seus próprios bens. Enquanto tiver, então ame. Quando não tiver nada, inicie outra profissão. Se ele nada tiver, dê com resignação o seu lugar aos outros que têm. É perda de tempo, se depois de ter dado, não tiver prazer em dar de novo. Aqui em nossa casa ama-se aquele que, depois de ter dado, se esqueceu que deu. Bom amante é aquele que, desprezando tudo o resto, arruína os seus bens. Todavia os homens proclamam que nós costumamos proceder mal com eles e que somos avarentas! E porque o somos? Afinal, o que é que nós fazemos de mal? Na verdade, por Castor, nunca nenhum amante deu o bastante à sua querida, e nem nós, por Pólux, recebemos o suficiente! E também nunca nenhuma pediu o suficiente! De facto, quando um amante vem de mãos a abanar, se ele diz que não tem nada para nos dar, nós acreditamos piamente nele e não cobramos demasiado, uma vez que ele não tem bastante para dar.

É também frequente nas falas das cortesãs plautinas a associação entre o amante arruinado e um homem morto. Dessa forma Astaphium fala ao amante de sua senhora:

Dum vivit, hominem noveris: ubi mortuost, quiescat.
te dum vivebas noveram (v. 162- 163).

Tradução: Conhece-se um homem enquanto ele está vivo. Logo que morre, paz à sua alma! Quando tu estavas vivo, eu conhecia-te.

E ainda:

Amator similest oppidi hostilis. Quam primum expugnari potis [est], tam id optimum est amicae (v. 169-170).

Tradução: Um amante é tal e qual uma fortaleza inimiga. Quanto mais depressa puder ser conquistado, tanto melhor isso é para a amante.

Não é correto falar de amor nessas relações efêmeras que se estabeleciam entre os jovens e as cortesãs retratados por Plauto em suas peças. Em *Cistellaria* pode se perceber essa questão nos conselhos dados a uma jovem cortesã por uma lena:

Matronae magis conducibilest istuc, mea Selenium,
unum amare et cum eo aetatem exigere quoi nuptast semel.
verum enim meretrix fortunati est oppidi simillima: 80
non potest suam rem obtinere sola sine multis viris (v. 78-81).

Tradução: É mais adequado a uma matrona, minha querida Selênio, isso de querer amar e passar a vida com aquele com quem se casou para sempre. É que a cortesã, essa, é muito semelhante a uma cidade opulenta; não pode prosperar sozinha, sem a ajuda de muitos homens.

E ainda acrescenta:

O mea Selenium, 95
adsimulare amare oportet. nam si ames, extempulo
melius illi multo, quem ames, consulas quam rei tuae (v. 95-97).

Tradução: Ó minha querida Selênio, o que se deve fazer é fingir que se ama; é que se amas de verdade, começa logo a preocupar-te muito mais com a pessoa que amas do que com os teus próprios interesses.

E quando a jovem Selenium pergunta a lena se não teria sido melhor arranjar um marido para a sua filha Gymnasium, a fim de que esta pudesse obter o seu sustento, ela responde:

Heia,
haec quidem ecaster cottidie viro nubit, nupsitque hodie,
nubet mox noctu: numquam ego hanc viduam cubare sivi.
nam si haec non nubat, lugubri fame familia pereat (v. 56-59).

Tradução: Ora essa. Por Castor, ela arranja marido todos os dias, a sério. Já teve um hoje, vai ter outro dentro de pouco tempo, logo à noite. Eu nunca deixei que ela se deitasse sozinha. É que, se ela não tivesse marido, a nossa casa morreria tristemente de fome.

A partir da análise das duas comédias de Plauto, pode-se identificar a principal figuração da personagem cortesã plautina: uma mulher interesseira que quer sempre arruinar seus amantes e que, sobretudo, não deve amar, visto que o amor para essas mulheres é tido como

um sentimento danoso para a sua profissão. Percebe-se também que não somente a personagem masculina a representa dessa forma, mas a própria cortesã, através de suas falas, corrobora a visão de tais personagens.

É importante destacar, porém, conforme afirma Candido, que nada é mais útil para chamar a atenção sobre uma verdade do que exagerá-la. Ou seja, o estudo da representação dessa personagem contribui para o entendimento não da mulher real que habitava Roma naquele período, mas do seu lugar na literatura e nas configurações ideológicas do momento em que a peça foi escrita.

Referências

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000.

CARDOSO, Zélia de Almeida. Representações do feminino na Roma antiga. In: FUNARI, Pedro Paulo; FEITOSA, Lourdes Conde; SILVA, Glaydson José da (Org). *Amor desejo e poder na Antigüidade relações de gênero e representações do feminino*. São Paulo: Unicamp, 2003.

CHARTIER, R. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990.

COUTO, Aires Pereira do. [Introdução]. In: PLAUTO. *A comédia da cestinha*. Tradução de Aires Pereira do Couto. Lisboa: Festeia, 2004.

FELSKI, Rita. *Literature After Feminism*. Chicago: University of Chicago, 2003.

GRIMAL, Pierre. *O amor em Roma*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Martins Fontes, [s.d.].

LIMA, Luís Costa. *Dispersa demanda*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1981.

PERROT, M. Práticas da memória feminina. Tradução de Cláudio Batalha e Miriam Grossi. *Revista Brasileira de História*, v. 9, n. 18, p. 9-18, 1989.

PLAUTO. *A comédia da cestinha*. Tradução de Aires Pereira do Couto. Lisboa: Festeia, 2004.

PLAUTO. *Cistellaria*. Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com>>. Acesso em: 23 jun. 2011.

PLAUTO. *O truculento*. Tradução de Adriano Milho Cordeiro. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2010.

PLAUTO. *Tuculentus*. Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com>>. Acesso em: 23 jun. 2011.

SALLES, Catherine. *Nos submundos da Antigüidade*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

Recebido em 27/03/2013
Aprovado em 01/07/2013

¹ Todos os fragmentos das peças *Cistellaria* e *Truculentos* utilizados ao longo deste artigo são traduzidos por Aires Pereira do Couto e Adriano Milho Cordeiro, respectivamente.